



Boletim Nutrindo a Mudança –MARÇO DE 2026

Muita água e alimento de verdade para as inteligências de mentira

Por Susana Prizendt - C. P. C. A. P. V. e MUDA-SP

Multiplicação de data centers voltados à IA pressiona um planeta em que a fome e a sede já seguem de mãos dadas com o aumento do poder das Big Techs

“A IA precisa do seu corpo. A IA não consegue tocar na grama. Você consegue. Receba quando os agentes de IA precisarem de alguém no mundo real” slogan do site RentAHuman

Linhas curvas, Quanta comida e quanta água ao dia você precisa para viver? Por mais que as respostas possam variar, dependendo de suas características físicas pessoais, do ambiente em que está e das atividades que precisa fazer, pode-se dizer que há uma média ponderável.

Pensando na comida como fonte de energia (uma simplificação que destoa do que nós agroecologistas acreditamos, mas que ajuda a dar uma ideia), daria para falar em cerca de 3 mil calorias. Para facilitar, vamos considerar que a média necessária ao consumo humano diário de água, somente para se beber, seja em torno de 2 litros, valor muito disseminado em guias de orientação nutricional.

Pronto. É possível pactuarmos que, com essa disponibilidade garantida, você não vai morrer, certo? Mas o caso não é tão fácil de solucionar, e há outras questões embutidas nessa pergunta inicial que ainda exigem respostas. Uma delas é: em nossa sociedade altamente urbanizada, industrializada e globalizada, o que é necessário fazer para que você tenha, diariamente, acesso à essa comida que come e à essa bebida que bebe?

É aqui que a porca torce o rabo! Se, como descrevemos acima, já há uma considerável variação natural das necessidades de cada pessoa, as variações relativas às respostas desta última pergunta são muito maiores. Para tentar quantificar esses valores, surgiram as “calculadoras” das [pegadas ecológicas e hídricas de produtos](#). Com base nelas, é possível estipular aproximadamente quanto cada tipo de produto impacta o ambiente, ao ser consumido, e se esse padrão de consumo é ou não viável a longo prazo.

Os cálculos tentam levar em conta todos os processos realizados para que uma pessoa tenha, por exemplo, um quilo de arroz em sua despensa ou uma lata de refrigerante em sua geladeira. São aproximações que permitem ter uma consciência maior sobre os impactos do nosso consumo alimentar no planeta, visando estimular uma seleção menos danosa do ponto de vista socioambiental.

Eles podem ser estendidos a todas as necessidades humanas, como vestimenta, moradia, higiene, etc. Com base nessas informações, podemos traçar médias entre diferentes populações, perceber desigualdades, elaborar programas para promover mais equilíbrio e planos para tentar não inviabilizar nosso futuro, caso esse consumo se mostre insustentável, o que é cada vez mais constatado.

Gulosos e beberrões

E o que esses dados estão dizendo é que existe uma minoria populacional planetária que suga quantidades gigantescas de energia, matéria e água, enquanto uma boa parte da população mundial ainda não consegue obter nem o básico.

Para dar uma ideia desse abismo, [a Oxfam elaborou um relatório](#) que mostra que, nos primeiros 10 dias de 2026, o 1% mais rico do mundo já teria emitido todo o carbono que poderia emitir no ano (tomando como base o estabelecido pelo Acordo de Paris e a meta de não ultrapassar os 1,5 C°), se não se apossasse das cotas de emissão que são necessárias às outras pessoas para viver - ou entrasse nas reservas das futuras gerações. E traz um dado chocante: os 50 maiores bilionários emitem, em apenas uma hora e meia, mais carbono do que o emitido em toda a vida por alguém que possui um nível médio de consumo.

Essa voracidade injustificável, decorrente de um cotidiano de luxo em que jatinhos e iates são itens colecionáveis, acentua a degradação dos nossos ecossistemas, fonte de tudo o que precisamos para sustentar nossa sociedade. A organização estima, ainda, que as emissões oriundas dos hábitos de consumo do 1% mais rico, entre 1990 e 2030, vão causar prejuízos econômicos em torno de US\$44 trilhões. O significado desse valor exorbitante, em termos de impactos reais na vida da gente, é uma fonte inesgotável de inspiração para os nossos mais torturantes pesadelos.

Sendo assim, vale ou não vale descobrir quem são esses sanguessugas, para que possamos exigir mudanças? Para surpresa de quem vive em outro planeta, vamos encontrar entre eles os magnatas das Big Techs. Das [10 maiores fortunas mapeadas este ano](#) pela Revista Forbes este ano, 7 são de donos de empresas do setor. Multi bilionários que controlam Amazon, Meta, SpaceX, Google e mais meia dúzia de corporações, com seus tentáculos espalhados pelos quatro cantos do mundo, detêm mais poder do que governos de países, e mobilizam uma grana que está além da compreensão da rapa de terráqueos. Grana que se destina a bolsos bem específicos, diga-se não de passagem.

E eis que, em meio a essa lambança, as gigantes tecnológicas nos presentearam com a multiplicação dos tais programas generativos de Inteligência Artificial (conceito questionado por neurocientistas de peso, como [Miguel Nicolelis](#)). Note que, em inglês, o termo usado é Artificial Intelligence, o que gera a sigla AI. Para mim, uma sigla perfeita para expressar o que sinto em relação ao que ela está se tornando: algo que nos machuca profundamente e faz com que eu me manifeste aqui como quem sente uma espécie de dor.

Os motivos dessa apreensão têm relação direta com as pegadas de consumo de recursos sobre as quais falamos. Mas não param por aí; ultrapassam a materialidade, atingem o que poderíamos chamar de alma humana - nossa forma de apreender a realidade, senti-la, interpretá-la e agir dentro dela -, alterando o que conhecemos por capacidade cognitiva e influenciando drasticamente os relacionamentos sociais que mantemos.

Big Water and Big Food para Big Techs

Mas vamos à esfera material primeiro: se os níveis de abuso energético e hídrico por parte da humanidade já eram alarmantes (lembrando da imensa desigualdade entre setores da população), agora eles estão crescendo aceleradamente com a multiplicação das IAs generativas, aquelas capazes de “tomar” decisões sozinhas e “criar” imagens, vídeos, músicas e sabe-se lá mais o que deus (ou o capeta) imaginar.

Elas apenas passam uma ilusão de serem algo imaterial, por agirem aparentemente para nós no mundo virtual. Só que, na realidade, são de uma voracidade assustadora de coisas bem reais e é preciso olhar para sua “corporalidade”. Para que elas sigam funcionando, é necessário criar imensos edifícios capazes de abrigar os supercomputadores responsáveis por armazenar e processar - durante quase 24 horas e todos os dias do ano - volumes avassaladores de informações.

Chamados de data centers ou centros de dados, cada um desses espaços é mantido através do consumo de uma quantidade de energia que pode [equivaler ao de várias cidades](#). E, muitas vezes, podem usar quantias também monumentais de água, algo necessário para resfriar os seus equipamentos, já que geram muito calor ao funcionarem quase ininterruptamente. São verdadeiros monstros insaciáveis, cuja fome e sede tendem a aumentar exponencialmente com o aumento do uso das IAs generativas ao redor do planeta.

Uma dessas mega centrais de dados do Google consumiu - sozinha e em apenas um ano de funcionamento (o ano de 2024) - [3,8 bilhões de litros de água](#)! E a previsão é de que, até 2028, ou seja,

daqui a dois anos, os data centers dos EUA somados quadruplicam seu consumo, avaliado em mais de 60 bilhões de litros (dados de 2023), somente para resfriamento. Atualmente, cada monstro desses pode consumir mais do que 25% do total destinado ao abastecimento de sua localidade. E preste atenção: estamos falando de água potável, o que anda faltando cada vez mais no mundo.

Para ter uma ideia da dimensão desse volume, observe que a média de consumo anual de alguém que mora no Brasil é de cerca de 44 mil litros de água, sendo que 33 milhões não têm acesso regular a ela. A situação em locais do planeta menos abastecidos é ainda mais dramática, com estimativa de que 2 bilhões de pessoas não têm acesso à água potável, sendo que, ao menos durante um mês por ano, [metade da população mundial](#) vivencia a escassez severa. A desertificação avança e o cultivo de vários tipos de alimento já sofre os impactos da transformação climática e ambiental, colocando em cheque nossa Segurança Alimentar e Nutricional.

Dentro de um cenário de colapso do clima, que estamos vivenciando há alguns anos, a chegada de novos e monstruosos sugadores de água certamente já seria motivo de alerta. Mas, neste início de 2026, a ONU decretou que entramos em um estágio de [falência hídrica mundial](#), o que implica em uma condição permanente de escassez, derivada do desbalanço agudo entre o que retiramos e o que a natureza consegue repor. Com mais esse baque, é ou não é para sentirmos uma pontada dolorida no peito, ao constatar o quanto agentes de IA estão tomando (nos dois sentidos da palavra) nossas águas?

Porém, mesmo antes dos data centers iniciarem essa bebedeira interminável, eles já causam impactos materiais pungentes na sociedade, pois essas máquinas vorazes são feitas de elementos extraídos da natureza, sendo muitos deles constituídos de minerais de difícil obtenção. Países do sul global, onde a regulação e a fiscalização são mais frágeis, sempre foram alvos certos de empresas exploradoras, muitas delas transnacionais.

Como denunciam as comunidades atingidas e os movimentos ativistas espalhados pelo território brasileiro, as cadeias da mineração hidro-intensiva drenam nossas águas, poluem o ambiente, contaminam as pessoas, destroem ecossistemas e descumprem frequentemente o que determinam as leis, entre elas a Política Nacional de Recursos Hídricos.

Como exemplo de produtos extraídos por essas cadeias, podemos mencionar os minerais críticos, sem os quais não é possível produzir as traquitanas ultra tecnológicas que compõem celulares, placas solares, carros elétricos, turbinas eólicas etc. O debate é urgente, já que a pressão para explorá-los, por parte do atual [governo dos EUA](#) e seus conglomerados tecnológicos, ávidos por devorar suas reservas, vem aumentando. A atitude estapafúrdia do governo de Goiás, ao fazer um acordo com os gringos para a exploração das reservas do estado e desconsiderar que esta é uma prerrogativa federal, revela a urgência de encarar a questão.

Devoradores de entranhas

O verbo devorar não é usado de forma gratuita quando falamos do uso de materiais necessários para produzir GPUs, as Unidades de Processamento Gráfico que as Big Techs utilizam para nos oferecer seus serviços. Eles são microprocessadores que realizam simultaneamente milhões de cálculos matemáticos e constituem a base para o treino e a execução dos modelos de IA.

Os chips dessas engenhocas precisam ser trocados frequentemente, conforme perdem desempenho frente ao avanço tecnológico. Daí a voracidade de governos e corporações para abocanhar reservas de minerais críticos, lançando-se em uma corrida frenética pela disputa do protagonismo no desenvolvimento de modelos mais e mais “inteligentes”, como se cada minuto e cada milímetro desse percurso fossem imprescindíveis para a definição do futuro humano. E aqui estamos falando, para variar, do futuro do poder e do dinheiro, só o que importa para essa turma.

No artigo “Das terras raras às terras áridas”, publicado no [Outras Palavras](#) e no [GGN](#), procurei expor o dilema de explorar ou não as reservas nacionais desses minerais, já que uma parte delas está em territórios em que a vida ainda é fértil, e que essa fertilidade seria seriamente comprometida, já que os métodos normalmente usados agridem o ambiente. Fertilidade que é, ela sim, cada vez mais rara, como mostra o avanço brutal da degradação do solo, principalmente nos países da América Latina e da África, alvos de um colonialismo exploratório sem fim.

Mesmo que essa exploração fosse feita de modo considerado ambientalmente seguro (o que seria quase um milagre), é impossível que ela não gere impactos danosos na vida de comunidades tradicionais locais, algumas delas formadas por indígenas isolados. O mais provável é que ela escancare as portas para a entrada da dita “civilização” (no que esta tem de pior) em regiões que precisam ser protegidas e que já sofrem pressões por parte do Agronegócio e de corporações nacionais e internacionais.

E nem precisamos nos restringir às terras raras ou a minerais de nome esquisito, quando falamos da gula do setor tecnológico que está envolvido com a Inteligência Artificial. O nosso bom e velho cobre, presente nos fios que conduzem a energia elétrica até nossas casas, tem sofrido um assédio jamais visto. Por ser fundamental nessa indústria, ele teve sua extração turbinada e pode chegar ao pico produtivo bem antes do que era imaginado. Um [relatório feito pela S&P Global Energy](#) estima que, até 2040, teremos um déficit de 10 milhões de toneladas métricas no setor, mesmo com o aumento da reciclagem de sua sucata.

O vice-presidente para assuntos geopolíticos da empresa autora do levantamento declarou: "O cobre é a artéria que conecta máquinas físicas, inteligência digital, mobilidade, infraestrutura, comunicação e sistemas de segurança". Trata-se de algo bem sólido para um setor que diz que opera através da tal nuvem, não é? E ele continua: “a disponibilidade futura de cobre tornou-se uma questão de importância estratégica.” Ele quer dizer que virá mais pressão sobre os territórios ricos no elemento, como o Chile e o Peru. E conseqüentemente, teremos mais impactos sociais e ambientais.

Devorar mais ainda nossas montanhas e nossos subsolos, impactando áreas biodiversas, para abastecer a demanda por estruturas insaciáveis, como os data centers monumentais que sustentam os agentes de IA, pode ser um tiro no coração de nossos biomas, já em estado de agonia. E vale lembrar que, sem a floresta amazônica e o cerrado suficientemente preservados, o ciclo da água no território brasileiro, já tão fragilizado, entra em colapso. Em tempos de falência hídrica, é tudo o que não precisamos.

Reforço que estamos falando de água e de materiais reais, formados no ventre da terra em bilhões de anos, sendo extraídos para alimentar a rede crescente de agentes virtuais que está substituindo os seres humanos, dotados de carne, osso e inteligência real (este último item pode ser algo discutível, quando se trata dos tecno-sociopatas que nos dominam política e financeiramente) em funções cada vez mais diversificadas e complexas.

É verdade que data centers que mantêm a internet e as redes sociais já povoam e sobrecarregam o mundo e o país há décadas, mas os novos data centers, sustentadores da massa de programas de IA generativa que nos inundou nos últimos tempos, são muito mais vorazes. E não apenas de matéria, mas principalmente de energia.

E dá-lhe energéticos

Sabe aquelas pessoas que encaram grandes maratonas, correndo por distâncias que ligam cidades, e precisam repor intensamente as calorias gastas? Os computadores agigantados que sustentam a IA estão em estado de ultra consumo energético o tempo todo. E, diferentemente de esportistas humanos, suas corridas não têm um ponto fixo de descanso ou de chegada, o que não permite estabelecer um teto para seus gastos de energia.

De fato, eles poderiam aumentar seu consumo indefinidamente, se não estivessem em um planeta já sufocado pela demanda de energia imposta por uma minoria populacional que pensa com o bolso - e que, há muitas décadas, deglute sem moderação todos os combustíveis fósseis, como petróleo e gás natural, que conseguem abocanhar, para viabilizar atividades que geram seu enriquecimento pessoal.

Por falar em combustíveis não renováveis, eles seguem sendo a base energética das Big Techs. Apesar do discurso para boi dormir sobre economia verde, os planos delas mostram que o gás natural ainda será, nos próximos tempos, a fonte de cerca de 75% da energia usada nos centros de dados dos EUA, como mostra um [levantamento recentemente feito pela CleanView](#). Segundo o relatório, essas empresas preveem que as renováveis só vão se massificar depois de 2028. E de previsões feitas por corporações o inferno está cheio.

Um exemplo disso é um complexo de data centers da xAI, instalado na região que liga o Tennessee ao Mississippi, e batizado com o nome nada criativo de Colossus por supostamente abrigar o “maior

supercomputador de IA do mundo”. Uma parte do complexo, localizada em Southaven, tem usado turbinas a gás sem licença da Agência de Proteção Ambiental do país. Nada surpreendente vindo de alguém que se acha acima da lei, como Elon Musk.

Mesmo se olharmos para outra ala do complexo, que não estaria, como é o caso da ala movida a gás, envolvida no envenenamento do ar e na intoxicação da população (“coincidentalmente”, de maioria negra), também não encontraremos frescor. Ela é movida a vento e, seja dia ou seja noite, inferniza os e as habitantes com seu barulho - o que gera problemas de sono, de saúde mental e de audição (algo que se repete ao redor do planeta em outras comunidades vizinhas de “fazendas monocultoras de vento” e passou a ser chamado de [síndrome da turbina eólica](#)). E toda essa perturbação é feita no local para dar de mamar ao Grok, o chatbot da xAI.

Voltando aqui para o nosso Brasil, segundo o [Data Center Map](#), já existem mais de 200 centros de dados voltados à sustentação da internet e das redes sociais, embora não existam dados oficiais que confirmem esse número. E sabemos da existência de projetos para implantação de novos e mais potentes desses centros, destinados a atender às demandas de IA, em meio à chuva de benefícios fiscais oferecidos pelo governo. Isso significa que exigirão mais espaço a ser ocupado e maior consumo de recursos materiais e energéticos.

Lugares como Eldorado do Sul (RS), Maringá (PR) e Uberlândia (MG) [já têm planos](#) em andamento, sempre acompanhados de falsas promessas e controvérsias legais. Se não houver uma força social que contrabalance o lobby das Big Techs, os próximos centros dedicados às IAs devem brotar aos montes, já que o próprio ministro da economia, Dario Durigan, foi “head” de políticas públicas da Meta no Brasil, antes de integrar a equipe de Haddad no atual ministério. E quanto maior a proximidade com lobistas, mais e mais desses centros poderão atormentar povoados - e mais abacaxis cascudos a rede de ativistas em defesa da soberania terá que descascar.

Podemos dar uma espiada no processo de implantação de um mega data center do TikTok em Caucaia, no Ceará. Ele prevê um investimento de 200 bilhões de reais, deverá ocupar um terreno de 700.000 m², e se vende como ecológico por anunciar o uso majoritário de energia eólica. Mas já está sendo acusado, como os citados acima, de burlar as exigências na obtenção do licenciamento ambiental e assobiar quanto ao [consumo massivo de energia e de água](#), em um local marcado por insegurança hídrica. Caso a obra se livre das pendências e vingue mesmo, tome videozinho fake feito por TikTokers inundando o cérebro do povo!

Sobre os impactos de parques eólicos e solares no país, capturados por especuladores financeiros, recomendo o artigo [A “transição energética” nas mãos dos rentistas](#), publicado no Outras Palavras. Expulsão de populações locais, aumento de tarifas, destruição da natureza e piora no fornecimento são alguns dos presentes recebidos dos capitalistas verdes. O mesmo ocorre quando se trata de fazendas de energia solar. É hora de quem crê que a tecnologia resolverá os problemas que ela mesma criou dar uma bambeada em sua fé.

Emburrecimento em massa

E sabemos que tecnocrentes não faltam! A expectativa de que o desenvolvimento tecnológico nos brinde com um mecanismo que realmente funciona como a inteligência humana tem nutrido um mercado que movimenta somas financeiras ininteligíveis e que parecem infinitas para quem vive com um salário que, antes mesmo de acabar o mês, se mostra bem finito.

Como exposto por analistas econômicos, há o risco do [estouro de uma bolha](#), já que as Big Techs criaram um círculo vicioso de investimentos entre si, responsável por sustentar as bolsas em níveis pra lá de inflados. Além disso, segundo dizem os neurocientistas, as máquinas, por mais desenvolvidas que possam ser, jamais vão adquirir as capacidades inerentes aos seres vivos, incluindo os seres humanos.

O que está ocorrendo, e já conta com um conjunto sólido de evidências, é que nós, pessoas reais e vivas, estamos sofrendo modificações no modo como nos relacionamos em sociedade e com o ambiente. E essas mudanças estão diretamente vinculadas à massificação do uso de redes virtuais e, mais recentemente, de agentes de IA - os tais chatbots, como o chatGPT.

Desde o final de 2022, quando ele foi lançado, transformações sensíveis vêm ocorrendo e sendo observadas, inclusive em nossas mentes. Tanto que já se considera a hipótese de existir a intenção não declarada, por parte das Big Techs, de querer aproximar a “inteligência” artificial da inteligência humana, algo sabidamente inimitável, promovendo o rebaixamento desta última. De fato, do ponto de vista delas, nos emburrecer pode ser uma ótima tática para nos manipular ainda mais, aprofundando nossa dependência de seus serviços.

Um exemplo de alteração cognitiva pode ser encontrado no setor da aprendizagem. O planejamento das aulas e a realização de tarefas propostas pelos cursos passaram a ser feitas, cada vez mais, através de instruções a agentes artificiais. Os efeitos da terceirização desses trabalhos para as tais máquinas “pensantes” já estão se mostrando desastrosos.

Uma [pesquisa feita pelo Massachusetts Institute of Technology](#) (MIT) trouxe um alerta sobre redução da atividade cerebral e enfraquecimento da memória. Um grupo de estudantes, instruído a usar IA para “escrever” um determinado texto, não lembrava mais nada do que estava escrito momentos depois de sua redação, ao contrário de quem redigiu sem uso de chatbots. Podemos imaginar o grau de comprometimento do processo de aprendizagem, se a capacidade de buscar, analisar e memorizar conteúdos é dissolvida em meio ao automatismo de mandar um chatbot fazer todo o trabalho.

Subindo no nível acadêmico, uma onda crescente de artigos redigidos através do uso de IA está inundando o setor científico com [textos de baixa qualidade](#), repetitivos e repletos de falhas, já que esses programas costumam ter alucinações, ou seja, passam a responder com informações aleatórias e inverídicas quando não encontram as respostas corretas. A sobrecarga para analisar esse material tende a abrir lacunas na seleção do que realmente tem pertinência. É uma porrada de impacto ainda não dimensionado em nossa trajetória de construção de conhecimento.

Não é por mera curiosidade que foi criada uma [Biblioteca de Danos em IA](#). Ela reúne “casos concretos de impactos negativos causados por sistemas de inteligência artificial... (relacionados a) direitos fundamentais, trabalho, meio ambiente, democracia, segurança pública, crianças e adolescentes ou direitos autorais”. Parte do princípio de que “os riscos da IA já se materializam hoje, deixando de ser hipóteses futuras e tornando-se problemas reais que exigem respostas regulatórias”. Um de seus objetivos é subsidiar o debate relativo ao [PL 2338/2023](#), que tramita no congresso, em meio a um cabo de guerra entre corporações e organizações sociais de dentro e de fora do país.

Doses generosas de cinismo

Retomando a reflexão do início deste artigo, referente às necessidades materiais para a existência de um ser humano, vale trazer aqui a [pérola cuspidada por Sam Altman](#), CEO da OpenAI. Segundo ele, as críticas ao gasto monumental de recursos, que agentes de IA exigem para serem desenvolvidos, treinados e usados, desconsideram o quanto se gasta para “produzir” (expressão minha, mas que foi o que ele quis dizer) um/a profissional de carne, osso e cérebro para fazer o trabalho que eles poderiam fazer.

Nem vamos perder tempo esmiuçando o quanto ele demonstra considerar as pessoas somente coisas a serem usadas, não muito diferentes das engenhocas eletrônicas que sua empresa manipula. Sabemos que não somos redutíveis à nossa capacidade produtiva e nem podemos ser tratados/as como simples produtos nos quais se faz investimentos (embora seja exatamente isso que as Big Techs querem que sejamos). Vamos apenas lembrar certas obviedades.

Tendo as condições necessárias para viver e respeitando limites pessoais, os seres humanos podem fazer tarefas das mais simples às mais complexas sem ter que aumentar muito o consumo de recursos para manter seu metabolismo. Ou seja, se eu estiver bem nutrida e hidratada, com saúde física e psicoemocional, posso lavar um prato, 5 pratos ou 10 pratos, sem ingerir alimentos ou água a mais para isso. Também posso escrever um artigo com 100, 500 ou mil palavras e meu consumo metabólico diário não sofrerá alterações consideráveis. Já a máquina...

Cada palavra da resposta de um chatbot implica em um gasto extra de energia. Assim, teríamos que lidar com a chegada de uma multidão crescente de robôs, sendo que cada um deles consome mais e mais conforme executa as tarefas que delegamos a ele, não tendo um teto como limite - algo que não ocorre com seres humanos, quando pensamos em termos da alimentação e da hidratação necessárias para que

alguém viva e trabalhe. Como já tem muita gente de verdade sem acesso à água e comida, sabemos onde a fome e a sede vão pegar ainda mais.

Além disso, ao substituímos pessoas de verdade por agentes de IA, as pessoas que foram substituídas vão ter que seguir (e têm todo o direito a isso) comendo e bebendo, independentemente de realizarem trabalho considerado produtivo pelo mundo corporativo. Então, de todo modo, teríamos que manter seu abastecimento - lembrando que a população humana ainda está crescendo, o que ampliará as quantidades envolvidas nessa missão.

Mas o que já pareceria um arranjo surreal, com “inteligências” artificiais bebendo a água que deveria ser bebida por pessoas de verdade (após tomarem seus empregos), ainda pode ganhar mais camadas de sandice. É que, além de ser dispensada de seu trabalho porque se tornou obsoleta em tarefas “pensantes”, uma pessoa pode ser alugada por um agente de IA para fazer tarefas que exigem um corpo real. Esse mercado já está se formando, como podemos ver com a criação da plataforma [RentAHuman.ai](#) - e há casos bizarros.

O que você acha de virar fechador de porta de automóveis que não são dirigidos por motoristas humanos? A cada fechada de porta de um táxi autônomo da Waiymo, [você ganharia de 11 dólares a 24 dólares](#), algo já em funcionamento em cidades como Atlanta e Los Angeles, nos EUA. Ou empregar seus talentos pessoais para levantar robôs de entrega que tombaram devido a algum contratempo no percurso? Seria esse o destino dos atuais entregadores humanos, tão atarantados para conseguir comer com o pagamento ínfimo que recebem de vampiros como o Ifood, caso percam seus postos para entregadores robóticos, supostamente autônomos?

Em uma rasteira traiçoeira e desconcertante, esse poderia ser, até mesmo, o destino de quem trabalha em TI, já que há empresas do setor que andam despedindo em massa seus programadores, conforme agentes não humanos passam a fazer o que eles faziam.

Acelerar o colapso civilizatório

Um dos sinais de que a expansão das IAs provoca uma forte interferência no acesso a materiais bem concretos é o aumento dos preços dos computadores. Quem quiser adquirir um equipamento novo terá que desembolsar um dindin mais gordo daqui para a frente. A [disparada dos valores](#) ocorre porque a pipocação de data centers - e de tudo que envolve seu funcionamento - já gerou uma demanda por determinados minerais que é difícil de atender, inflacionando o mercado.

No capitalismo, quem tem mais grana sempre tem prioridade quando algo está escasso. Entre atender as Big Techs ou atender alguém como eu ou você, qual será a escolha de quem produz e vende computadores? É uma situação que deixa explícita a enrascada em que estamos nos metendo. Trata-se do aprofundamento do abismo entre as classes sociais.

De um lado, empresas e pessoas que fazem parte das classes financeiramente abastecidas vão ter acesso às “maravilhas” proporcionadas pela IA, se livrando até de muitos/as de seus/suas empregados/as de carne e osso. De outro, uma massa de gente desempregada ou precarizada vai ter mais dificuldade para comprar o celular ou o computador que permite o contato com chatbots ou com os serviços cada vez mais variados e sofisticados que as Big Techs oferecem e empurram para cima da sociedade.

Além de intensificar desigualdades e sugar o que chamam de recursos naturais, contribuindo para o aumento da fome e da sede no mundo, essa corrida tecnológica desembestada anda de mãos atadas com as guerras e conflitos bélicos. Garantir a obtenção de quantidades crescentes de materiais indispensáveis ao setor implica, muitas vezes, em invadir territórios, pressionar líderes locais e usar diversos tipos de violência, incluindo a física. É um processo que gera mais um circuito vicioso.

Hoje, para participar de guerras, é preciso ter inteligência artificial de ponta, capaz de detectar e atingir alvos com precisão. Então, mais desses materiais são consumidos e mais necessária se torna a obtenção de novos materiais, o que impulsiona novas guerras. A atual guerra de Israel e EUA contra o Irã (que fechou o estreito de Ormuz), além de catapultar o preço do petróleo, [também ameaça o fornecimento do gás hélio](#), indispensável para a manutenção de data centers e a fabricação de semicondutores. O Catar, que produz um terço do que é mundialmente consumido, interrompeu a produção de sua estatal, depois de sofrer ataques iranianos.

É óbvio que também existem (e poderia haver muito mais) os efeitos benéficos desse super desenvolvimento tecnológico. Podemos usar IA para auxiliar procedimentos médicos, como análise de exames; descobrir e testar novos remédios e vacinas; monitorar ecossistemas e fazer cálculos complexos em estudos das mais variadas áreas, inclusive como subsídio para a criação de políticas públicas.

A questão é sobre os tipos de uso que vão predominar e quem vai ter o controle deles. E dar uma olhada em quem tem o poder para tomar essas decisões nos dá uma perspectiva bem desastrosa. Você acredita que pessoas como Elon Musk, Sam Altman, Bill Gates ou Mark Zuckerberg vão ter algum pudor ao direcionar seus produtos e serviços para o que for mais lucrativo e aumente ainda mais o seu poder? Demonstrações de que confiar neles é uma barca furada não faltam.

Recentemente, a Microsoft [cortou 97,6% da capacidade](#) de armazenamento de dados da Fiocruz, mesmo tendo recebido mais de 28 milhões da instituição, de 2012 até hoje. Nem precisamos dizer o impacto negativo dessa medida para a pesquisa pública na área de saúde no Brasil. Instituições de vários países também têm experimentado o drama de não terem soberania. E casos de assédio, infrações legais, omissão e distorção de informações podem ser encontrados às pencas na trajetória dos imperadores do mundo digital. Se depender deles, iremos meter contudo o pé no acelerador do fim do mundo, contanto que se safem enquanto viverem.

Cabe a nós, enquanto sociedade, lutar para que seja possível pôr o pé no freio desse veículo - que finge ser um robotáxi não controlável por nós, meros passageiros/as, mas possui motoristas muito reais e totalmente ecodidas, acelerando rumo ao abismo. Regular as Big Techs, controladoras dos programas de IA que se espalham sem se intimidar com fronteiras, é questão de sobrevivência.

Nos EUA, berço dessas empresas e país cuja população que vive em situação mais vulnerável já viu suas contas de energia e água dispararem, após a chegada de data centers em suas cidades, a reação está ganhando corpo. Já existe até a proposta de [impor uma moratória](#) à construção de novas unidades de centros que sejam visivelmente criados para viabilizar as IAs, através da definição de certos parâmetros, como o alto consumo de energia.

Segundo o senador Bernie Sanders, um dos entusiastas da medida, ela daria o tempo necessário para descobrir como tornar a Inteligência Artificial segura e impedir que sua estrutura física prejudique o meio ambiente ou aumente as contas pagas pela população. E ele ainda declarou, em discurso no Capitólio, que “Uma moratória nos dará a oportunidade de descobrir como garantir que a IA beneficie as famílias trabalhadoras deste país, e não apenas um punhado de bilionários que querem cada vez mais riqueza e mais poder”.

Natureza em primeiro lugar

O movimento [Humans First](#) (Seres Humanos em Primeiro Lugar) se propõe a unir cidadãos e cidadãs estadunidenses no enfrentamento do futuro indigesto que o Vale do Silício vem empurrando goela abaixo do povo. A iniciativa busca evitar que pessoas reais sejam massivamente substituídas por agentes artificiais, processo que está em curso e tem contribuído para tirar o pão da mesa das famílias de quem perdeu o emprego.

É preciso reconhecer a importância de ações como o Humans First para provocar o questionamento sobre como o modo autoritário e irresponsável usado pela IA e seus vorazes centros de dados vem atropelando nossa história. No entanto, também é necessário ampliar essa luta para envolver o que não é humano, mas também não é máquina.

O descolamento, que o sistema tecnológico corporativo tenta criar entre a nossa existência - enquanto matéria e pulsação vital - e a existência da teia planetária que sustenta a vida, é o caminho mais rápido para o precipício. Como vimos, as estruturas materiais que sustentam essa rede virtual exigem muita comida, sob a forma de minérios arrancados do ventre da terra, e muita água, elemento que está cada vez mais escasso para consumo humano.

E, mais do que tudo, exigem uma quantidade de energia que parece ilimitável, a ser gerada a partir de fontes que impactam profundamente nossas comunidades e o destino da nossa civilização. O petróleo e o gás não são renováveis e estão na gênese da emergência climática. As usinas hidrelétricas, solares e eólicas, embora sejam renováveis, dependem de transformações ambientais e sociais críticas. Seus

impactos interferem no equilíbrio estabelecido entre as comunidades e os territórios que habitam. A energia nuclear, cuja geração recrudescer nos últimos anos com a intensificação dos conflitos bélicos, e está nos planos da [Meta e da Microsoft](#), traz riscos incalculáveis.

Se a chegada da suposta Inteligência Artificial se apresenta como definitiva, é hora de lembrar que, sem água, sem energia e sem alimentos, não há sociedade, por mais ultra tecnológica que ela se proponha a ser. Vamos deixar as Big Techs decidirem quem vai ter acesso às facilidades sem fim prometidas por seus agentes sugadores de recursos, enquanto uma massa crescente de seres vivos vai sentir a dor de ter a barriga vazia e a garganta seca?

Controlar a insaciabilidade das Big Techs é um desafio existencial para nossa sobrevivência. A luta é entre o que possuímos de mais visceral (e nenhuma máquina ou programa jamais possuirá nada semelhante) e a sanha por riquezas e poder de uma minoria de tecnocratas capaz de vampirizar o planeta até que seu sangue se esgote, enquanto multiplica os bilhões virtuais que acumulam em seus fundos duvidosos.

A inteligência da vida é ancestral e é, também, maturada em bilhões, mas em bilhões de anos, e não de dólares ou na velocidade cada vez mais frenética com que hoje os chatbots respondem às solicitações que recebem, muitas vezes, de outros agentes inumanos e não naturais. Buscar uma forma de confluência entre a pulsação planetária e a tecnologia, equilibrando o que é analógico com o que é digital, é o desafio que nós, ativistas por respeito à Mãe Terra e por justiça social, teremos que encarar.

Como disse a chamada de um artigo recente, publicado pelo MIT Technology Review Brasil, sobre o avanço da IA: [“Data centers são incríveis; todos os odeiam”](#). Se, como diz o autor, encontramos esse consenso, nos resta lutar para que esses monstros gulosos e beberões sejam alvo de muito debate, antes que se instalem em nossos territórios. Talvez pudéssemos começar instalando alguns na vizinhança das moradias da elite high tech. Quem sabe, para não incomodar vizinhos tão ilustres, eles se tornam um pouco mais palatáveis.

Saber Funcional

No Mês das Mulheres, vamos cuidar da saúde com alimentos sem agrotóxicos

Por Valéria Paschoal - VP Consultoria Nutricional

A saúde feminina é profundamente influenciada por fatores ambientais, entre eles a exposição crônica a agrotóxicos presentes nos alimentos, na água e no solo. Mulheres apresentam particular vulnerabilidade a esses compostos devido às especificidades do sistema endócrino, às variações hormonais ao longo do ciclo de vida — puberdade, gestação, lactação e menopausa — e à maior proporção de tecido adiposo, que favorece a bioacumulação de substâncias lipossolúveis. Evidências científicas demonstram que a exposição contínua a resíduos de agrotóxicos pode interferir em processos metabólicos, hormonais e imunológicos, impactando diretamente a saúde reprodutiva e geral das mulheres.

Entre os agrotóxicos mais utilizados no Brasil, destaca-se o glifosato, herbicida amplamente aplicado em monoculturas como soja, milho e algodão. Estudos associam o glifosato à disfunção endócrina, com potenciais efeitos sobre a síntese e a regulação de hormônios sexuais femininos, como estrogênio e progesterona. Essa interferência pode contribuir para alterações do ciclo menstrual, infertilidade, síndrome dos ovários policísticos e maior risco de abortos espontâneos. Além disso, há evidências de associação entre a exposição ao glifosato e o aumento do risco de cânceres hormônio-dependentes, como câncer de mama.

Outros agrotóxicos relevantes incluem os organofosforados (como malationa e clorpirifós) e os neonicotinoides, que apresentam potencial neurotóxico e efeitos adversos sobre o sistema reprodutivo feminino. A exposição a esses compostos tem sido relacionada a desequilíbrios hormonais, alterações da função tireoidiana, endometriose e complicações gestacionais, como parto prematuro e baixo peso ao nascer. A exposição pode ocorrer não apenas por meio do consumo alimentar, mas também por contato ocupacional e ambiental, afetando especialmente mulheres que vivem em áreas rurais ou próximas a zonas de pulverização agrícola.

Do ponto de vista da saúde pública, a ingestão contínua de pequenas doses desses resíduos químicos ao longo da vida representa um fator de risco silencioso e cumulativo. A combinação de múltiplos agrotóxicos — o chamado “efeito coquetel” — pode potencializar danos biológicos, mesmo quando cada substância isoladamente está abaixo dos limites máximos de resíduos permitidos. Esse cenário reforça a importância de estratégias preventivas que reduzam a exposição, sobretudo em fases críticas da vida feminina, como gestação e lactação.

Nesse contexto, iniciativas que promovem o acesso a alimentos livres de agrotóxicos tornam-se fundamentais. O fortalecimento das Comunidades que Sustentam a Agricultura (CSAs), a valorização das feiras orgânicas, como as mapeadas e divulgadas pelo IDEC, e a escolha por alimentos provenientes da biodiversidade brasileira representam estratégias concretas de promoção da saúde feminina. Além de reduzir a exposição a contaminantes químicos, essas práticas contribuem para a preservação de espécies alimentares tradicionais, evitam a erosão da biodiversidade e geram renda para famílias agricultoras, fortalecendo sistemas alimentares mais justos, sustentáveis e saudáveis.

Nós podemos obter preparações muito saborosas a partir dos alimentos menos conhecidos e orgânicos, apresento-lhes o **ESCONDIDINHO DE MANDIOCA E CORAÇÃO DE BANANEIRA**, uma receita maravilhosa para compartilhar com as amigas nesse mês tão especial das mulheres. Essa receita pertence a uma incrível iniciativa que se chama Sustentarea:

Escondidinho de mandioca e coração de bananeira

Ingredientes do recheio:

2 corações de bananeira
6 colheres de sopa de vinagre (qualquer tipo)
1 cebola picada
3 dentes de alho picados
1 tomate picado
Temperos a gosto (sugestão: páprica, cúrcuma, cominho, salsa e coentro)
Sal a gosto

Modo de Preparo do recheio:

Corte os corações em cubinhos. Em uma panela com água, coloque os corações e metade do vinagre. Ferva por 10 minutos. Descarte a água e repita todo processo, escorrendo a água em seguida. Refogue a cebola, o alho e o tomate. Junte os corações e misture. Adicione os temperos. Espalhe em uma travessa e reserve.

Ingredientes da cobertura de mandioca:

4 mandiocas médias descascadas (aprox. 1,5 kg)
1/4 xícara (chá) de azeite
1/2 xícara (chá) de polvilho azedo
Sal e pimenta-do-reino a gosto

Modo de Preparo da cobertura de mandioca:

Coloque as mandiocas na panela de pressão, cubra com água e cozinhe por 15 minutos. Reserve a água do cozimento. Em uma tigela, amasse as mandiocas. Adicione o azeite, o polvilho azedo e um pouco da água de cozimento até atingir a consistência de um purê. Ajuste os temperos. Cubra o refogado de coração de bananeira com o purê e leve ao forno para assar por 30 minutos.

Já Mudou!

Como uma horta comunitária na Grande SP está combatendo a fome, as enchentes e o calor extremo

Por Rodrigo Chagas – Brasil de Fato

No bairro da Vila Vivaldi, em [São Bernardo do Campo \(SP\)](#), uma horta comunitária ocupa o que antes era um local de descarte e abandono. O lugar não é apenas um canteiro de hortaliças: funciona como um equipamento urbano que produz alimento, abriga encontros de movimentos populares e ajuda a amenizar o calor do entorno. Tudo isso ao mesmo tempo em que devolve à vizinhança um terreno que, por anos, foi desprezado. O [Bem Viver](#), programa do **Brasil de Fato**, esteve lá e conta tudo na edição desta semana.

“Quando eu cheguei aqui há 16 anos atrás era um lixão totalmente abandonado”, diz seu José Eudes Pinho, o Profeta, lembrando de como tudo começou no terreno em frente à sua casa. Com anos de trabalho do hoje metalúrgico aposentado, a área de propriedade da Transpetro, por onde passam tubos subterrâneos de gás e petróleo, virou um banco genético de árvores frutíferas, hortaliças, ervas e flores.

Profeta guarda memórias das frutas e da regra que orienta o lugar desde os primeiros dias: nada do que ali se colhe é vendido, tudo é doado ou trocado. “Vinha gente aqui da cidade inteira de São Bernardo comprar mamão para fazer doce, mamão verde. Alguns ficavam meio bravos comigo, mas eu não vendo um mamão para ninguém”, relembra. “Minha proposta é diferente: tu vais levar o mamão, fazer o doce e trazer o pouco para mim. E foi assim que acontecia”. Tinha aqui uns 10 pés de mamão, tinha pé de acerola, bastante fruta aqui dentro. Coisa mais linda”, ensina.

Há cerca de dois anos, a continuidade desse trabalho, no entanto, esteve em risco. Uma roçagem realizada no local arrancou plantas e memória. “A roçagem veio aqui e acabou botando tudo para baixo, cortou tudo”, lembra Victor Marques, do coletivo Motyrõ. O estrago poderia ter sido o fim da história, mas tornou-se o começo de outra etapa. “Ele ficou bem triste, pensou em abandonar o terreno. Foi quando ele foi falar com a gente da Motyrõ, se a gente não queria assumir o terreno porque ele tava querendo desistir”, relata.

A partir daí o trabalho ganhou escala e diversa natureza: o coletivo negociou o acesso com a concessionária do terreno e, com apoio da Transpetro, conseguiu reformar canteiros e transformar parte do espaço em uma espécie de sede social. Dois anos depois, muito do que o Profeta havia plantado rebrotou pela força da natureza, mas parte da restauração veio da ação conjunta, do plantio e da organização comunitária. O resultado é uma horta que não só produz alimento como sustenta trocas, encontros e práticas coletivas no coração Grande São Paulo.

Plantas não colonizadas

A horta da Vila Vivaldi não aposta apenas em alfaces e hortaliças que se veem nas prateleiras dos supermercados. Ela também sustenta um banco de espécies conhecidas como [plantas alimentícias não convencionais \(Pancs\)](#), que carregam saberes locais, valor nutricional e resistência a condições climáticas extremas. A distinção não é só de linguagem, mas define a estratégia de produção e a maneira como a Motyrõ pensa alimento e cidade.

A professora Ana Frari é uma das voluntárias da horta e responsável pelo [projeto Quintal Itinerante](#), que mapeia experiências de hortas comunitárias na região. Ela prefere ressignificar o conceito de Pancs: “plantas não colonizadas”, ela diz, como quem devolve o nome ao território. “As plantas não colonizadas são essas que a minha mãe comia, o tal da ponta da abóbora, a taioba. Tem muita coisa que a gente foi desaprendendo a comer.”

Entre essas espécies, a ora-pro-nobis ocupa papel simbólico. “Essa planta ela é considerada o bifinho dos pobres”, brinca Ana, fazendo referência ao alto teor de proteína presente nas folhas, que podem ser consumidas cruas ou cozidas, além de combinarem bem com sucos e saladas. Em tempos de mudanças climáticas, a ora-pro-nobis tem ainda outra vantagem. “Nessas ondas de calor, o alface é muito delicado e se perde. A ora-pro-nobis nem liga”, explica.

A lista de espécies do terreno combina a memória do Profeta e intervenção do coletivo. “O poejo voltou a rebrotar, o hortelã voltou a rebrotar, a gente trouxe algumas beldroegas”, relata Victor Marques, descrevendo canteiros que servem para usos alimentícios, medicinais e ornamentais.

Infraestrutura viva e solidariedade

Para a Motyrõ [horta é comida, mas também é clima](#). Em um território dominado por asfalto e concreto, o verde muda a temperatura da rua e muda o chão. Para Ana Frari, o efeito começa pela água. “Com essa emergência climática, as chuvas estão muito mais intensas e muito mais volumosas. Então hoje qualquer pedacinho de terra que você tem é importantíssimo para ter uma infiltração, para não ter tanto as enxurradas, as enchentes.”

A professora lembra que nem sempre basta existir um terreno sem concreto. “Muitas vezes até é um terreno assim, de terra. Mas a água passa batido porque ele está totalmente compactado. Então, a água não consegue entrar”, explica. “A hora que você cultiva, a terra se abre. E aí ela recebe a chuva”, conclui.

Na prática, é esse tipo de raciocínio que aproxima a horta de debates maiores sobre enchentes e ilhas de calor no ABC Paulista. Victor Marques descreve o terreno como uma “praça funcional” e, desde que o coletivo assumiu a área, a ideia foi não reduzir o espaço a um canteiro fechado.

“A gente transformou isso numa sede social também, além de uma praça funcional”, conta. O resultado é um lugar que combina produção com permanência: sombra para sentar, plantas para colher, e uma agenda que começa a atrair outros grupos do bairro.

O coletivo já testou atividades culturais e mantém a porta aberta para novas ocupações. “Recentemente, a gente fez um cinema na praça aqui”, relata Victor, que diz que a intenção é fazer o espaço circular com outras iniciativas, do cuidado com o corpo à cultura de rua. “A gente tá deixando sempre aberto aí para outros coletivos de que quiserem propor aqui, em conjunto com a gente, a gente abraçar.”

Além de manter o terreno vivo e disponível para o bairro, a Motyrõ tenta empurrar a experiência para fora dos limites da Vila Vivaldi. A aposta é [transformar horta urbana em política pública](#), com regra e orçamento, não só boa vontade. Victor conta que, no fim do ano passado, o coletivo reuniu o que chama de “conselho” e definiu as prioridades do período. “A questão da soberania alimentar e combate às mudanças climáticas” entrou como eixo central, e o passo seguinte seria pressionar por uma mudança concreta na legislação municipal.

“Esse ano a gente vai pleitear bastante a criação de uma lei municipal relativa ao meio ambiente que inclua as hortas urbanas dentro de uma medida de mitigação às mudanças climáticas e adaptação também”, explica.

Em um bairro que já convive com intervenções de drenagem, o coletivo enxerga as hortas como parte do pacote de soluções para o combate às enchentes recorrentes na região. “As hortas urbanas entrariam aí, como um complemento aos piscinões”, argumenta. Para a Motyrõ, reconhecer esse papel não basta. “O poder público tem que olhar para isso e, mais do que isso, botar dinheiro”, defende Victor, para que iniciativas como a da Vila Vivaldi deixem de ser exceção e virem infraestrutura de cidade.

A outra face dessa infraestrutura de hortas sonhada pela Motyrõ é a rede de doações. O que se planta ali não vira mercadoria. A colheita segue para projetos populares da cidade, em especial o Meninos e Meninas de Rua, que atua com crianças, adolescentes e famílias.

Como ajudar

A rede que se forma a partir da horta também diz muito sobre como a Motyrõ se entende, a começar pelo nome do coletivo. “A gente escolheu esse nome Motyrõ porque é o radical da palavra mutirão e vem do tupi”, diz. “A gente achou muito poético”, explica Victor, ligando a escolha a uma ideia de trabalho que não se mede por produtividade e lucro. “Repensar o trabalho fora da lógica de mercadoria” aparece como ponto de partida, junto com uma tese simples: “a gente considera que a questão da alimentação é uma questão de direito”.

Essa lógica se traduz na forma de organizar o cotidiano. “O método de organização do trabalho é sempre de maneira horizontal”, afirma Victor, descrevendo frentes que vão do plantio à comunicação, de eventos para levantar fundos à articulação com o poder público. É uma estrutura montada na necessidade, sem transformar a colheita em produto, e que se mantém na base do trabalho coletivo, de doações e de parcerias costuradas no território.

Para sustentar o trabalho, a Motyrõ também precisa cobrir custos de manutenção e ferramentas. Quem quiser apoiar financeiramente pode contribuir pelo [link de apoio ao trabalho](#). O coletivo também chama quem queira somar nos mutirões e em outras frentes de trabalho a procurar a Motyrõ pelas redes sociais e combinar os dias de atividade.

Vamos Mudar?

Cozinhas solidárias e o direito à alimentação

Por Por Adriana Salay – Jornal da USP

O Sistema Único de Saúde, conhecido como SUS, é amplamente materializado por todos nós. Sabemos que há a Unidade Básica de Saúde ou algum hospital que, somados, integram um dos maiores sistemas de saúde do mundo. O mesmo não acontece com o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Sisan), pouco conhecido pela população. Instituído em 2006, o Sisan tem como objetivo garantir o direito humano à alimentação e agrega políticas públicas, conselhos e equipamentos, como bancos de alimentos e restaurantes populares.

Entre as políticas públicas, destaca-se o Programa Cozinha Solidária (Lei 14.628/2023), criado com base na experiência da sociedade civil durante a pandemia de covid-19. Naquele período, a fome se intensificou e, segundo a rede Penssan, em 2021 havia mais de 33 milhões de pessoas enfrentando essa situação no Brasil. A sociedade civil, então, ampliou as práticas de assistência alimentar e as cozinhas solidárias ganharam protagonismo. O programa federal surgiu em 2023 para apoiar essas tecnologias sociais, geridas pela sociedade civil, que oferecem refeições gratuitas a populações vulnerabilizadas. Após quase seis anos do início da pandemia e dessa resposta social, é possível refletir sobre a importância das cozinhas solidárias além da contenção da crise de fome, como um espaço que concretiza o direito humano à alimentação.

A capilaridade é o primeiro ponto de destaque. Cozinhas solidárias podem nascer exclusivamente do território ou em parceria com ele e, por isso, são capazes de mapear as demandas locais e as vulnerabilidades, de quem, por vezes, permanece imperceptível às políticas organizadas em outras esferas. É também por isso que elas se diferenciam de ações pontuais, pois não chegam ao território com uma entrega isolada de alimentos, mas sim se estabelecem por meio da formação de uma relação contínua, sustentada pelo reconhecimento mútuo.

As experiências analisadas mostram que as lideranças comunitárias, em grande medida mulheres, formam o elo fundamental dessas cozinhas, pois são elas que coordenam, organizam, mediam conflitos, acionam redes e atendem às demandas da rotina. Ainda assim, o que sustenta muitos projetos são redes heterogêneas e assimétricas, formadas por movimentos sociais, coletivos locais, igrejas, empresas, fundações, doadores individuais ou apoio do programa federal.

A segunda dimensão é a descentralização. As cozinhas com participação social ampliam o controle sobre o combate à fome e ganham resiliência. Mudam o cardápio, o fluxo, o horário e as estratégias conforme as necessidades do território e não dependem de um centro distante. Isso se conecta à terceira dimensão, a regularidade. Uma cozinha vinculada a um espaço físico que funciona de forma estável torna-se um equipamento seguro para quem precisa. Dessa forma, uma refeição servida combate a fome imediata, fortalece a segurança alimentar das famílias e contribui para o acesso a outros direitos, como à saúde e à educação.

Por fim, as cozinhas solidárias promovem o acesso desmercantilizado ao direito elementar à alimentação. Apesar da importância das políticas públicas de redução da fome, como o Bolsa Família, a via mercantilizada de acesso ao alimento é hoje hegemônica. Com isso, a renda é o fator fundamental na determinação da qualidade da alimentação.

Nesse cenário, as cozinhas solidárias mostram que, sendo a alimentação um direito, ela não pode ser apenas mercadoria. Soma-se a isso o trabalho não remunerado de cuidado que sobrecarrega principalmente as mulheres, socialmente responsáveis pela alimentação do núcleo familiar. A coletivização do trabalho de cuidado, por meio das cozinhas solidárias, permite reduzir a carga individual e garantir o acesso a uma alimentação adequada e saudável.

Portanto, é fundamental que as cozinhas solidárias sejam vistas não apenas como respostas episódicas às crises, mas também como uma reorganização do direito à alimentação. Assim, devem receber fomento público à altura de sua importância, com o potencial de tornar o Sisan uma realidade cada vez mais concreta para todos os brasileiros, à semelhança do SUS.

Brotar é Preciso

Queijo fresco de amêndoas: uma delícia direto da Cruzinha Prática Doce Limão

Por Conceição Trucom - Doce Limão

Esta [vídeo receita](#) faz parte do nosso Curso on-line Laticínios Veganos (Plataforma HOTFLIZ), mas deixamos aqui aberta para te seduzir e te fazer perceber quão fácil e prático é ter uma queijaria fresca na sua casa, clínica ou escola. Prático, porque pode ser preparado com variedade de sementes oleaginosas: aquela que estiver mais fácil de encontrar e comprar! E também faz parte do meu livro Cadê o leite que estava AQUI? Vamos saber mais?

A receita básica é:

Ingredientes: 1 xícara (chá) da semente oleaginosa escolhida, que após hidratar por 8-12 horas vira cerca de 1,5 xícara (chá) de volume + 1 colher (sopa) de suco fresco de limão + 1 colher (sopa) ou 5 a 7,5 gramas de agar-agar/200 ml água para dissolver + 1 colher (sobremesa) de levedura nutricional (OPCIONAL) + 1/2 xícara (chá) de rejuvelac ou kefir de água + 1 colher (chá) de sal marinho. Opcional: alho, ervas, pimenta, etc.

Preparo: derreta o agar-agar no fogo por uns 3 minutos em fervura e deixe esfriar até que o dedo suporte sem queimar. Enquanto esfria, coloque e bata no liquidificador as sementes germinadas, o suco fresco do limão, o rejuvelac, o sal e a levedura. Acrescente o agar-agar derretido (com uns 50 graus de temperatura) no vórtex do creme de semente e bata rapidamente até uma textura o mais lisa possível. Transfira RAPIDAMENTE para uma forma e deixe na geladeira por uns 20-30 minutos, desenforme e sirva.

Sal refinado é um dos pós brancos que fazem muito mal à saúde: açúcar, farinha de trigo e ele. Portanto a sugestão ideal é zerar seu consumo, certo? Errado porque ele é um agente mineralizante e nos nutre de muitos minerais além do sódio do sal refinado. Que tal um sal sem refinados, contendo cerca de 80 minerais, iodo marinho NATURAL e mais toda a vitalidade do líquido amniótico da terra?

Vai um sal marinho? Ele é bem menos salgado e só por isso já está valendo a pena pensar em usar na sua casa. E se colocamos nele umas ervas bem digestivas, ricas em agentes antioxidantes, anti-inflamatórios e óleos essenciais naturais das ervas, que irão aromatizá-lo, torná-lo BEM exótico e saboroso? Sem exageros, claro!!!

Semeando

Encontro do Permaperifa, Curso do MUDA, mapa da Aliança sobre a água, editais e lançamentos

Destaques

- O MUDA segue com toda a energia com as oficinas nas hortas urbanas comunitárias de Osasco! Todas as quartas feiras, às 14 horas, temos as aulas do curso sobre captação, manejo e tratamento de água, debatendo a situação hídrica atual, mostrando como construir cisternas e biofiltros. Acompanhe no [perfil do Instagram](#) e entre nessa mobilização para termos mais autonomia nas roças das cidades.

- No dia 31 de março, teremos um momento importante para a proteção dos nossos territórios: o evento "[Estratégias e Ações Articuladas para a Redução dos Impactos do Uso de Agrotóxicos nas Comunidades e Territórios do Brasil](#)", construído a partir de uma parceria entre o Departamento de Políticas de Gestão Ambiental Rural (DGAR/SNPCT/MMA), a Cooperativa EITA e a Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e Pela Vida. Diante da grave intensificação dos casos de contaminação por agrotóxicos no país, o encontro promoverá um debate estratégico para buscar soluções e garantir que o Estado apresente respostas adequadas à sociedade. Durante o evento, será lançado o Canal de apoio a denúncias de contaminação por agrotóxicos. Este sistema tem como objetivo fundamental qualificar as denúncias de intoxicação e contaminação e auxiliar o encaminhamento correto aos órgãos responsáveis pelo atendimento. Precisamos fortalecer o compromisso com políticas públicas voltadas à conservação e ao desenvolvimento sustentável, priorizando a vida acima do lucro do agronegócio. Participe!

- O Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) contará com um reajuste de 55% nos repasses de recursos para o ano de 2026, elevando o orçamento total para R\$ 6,7 bilhões. A medida é uma vitória para a segurança alimentar no ambiente escolar, permitindo a manutenção da qualidade das mais de 50 milhões de refeições servidas diariamente em todo o país. Leia a [nota do Sindinutri SP](#) sobre a medida.

- O edital [Quintais Produtivos](#), do governo federal, está com inscrições abertas até 19 de abril de 2026. A chamada é voltada ao fortalecimento da produção e da autonomia de mulheres da agricultura familiar, incluindo contextos rurais, urbanos e periurbanos, incentivando a organização produtiva e a geração de renda.

- O "[Mosaico da Privatização da Água no Brasil](#)", um mapeamento inédito desenvolvido pelo GT Água da Aliança pela Alimentação Adequada e Saudável, revela como concessões, PPPs e desestatizações têm ampliado a presença do setor privado sobre a água, sem garantir universalização do acesso e com tarifas muitas vezes mais altas que na gestão pública ou de natureza mista. Do outro lado, o trabalho mostra a reação de movimentos sociais e caminhos que promovam o acesso ao bem água como direito humano, e não mercadoria. Este mapeamento dialoga com um ranking realizado pela Agência Pública, também em março, que revela que, no Brasil, apenas 50 empresas consomem anualmente quase a mesma quantidade de água que metade da população. Entre os principais "bebedores" estão gigantes do agro, do setor sucroalcooleiro e do papel e celulose. Conheça a lista [aqui](#).

Leituras relevantes

- Quando uma variedade desaparece, vai embora com ela não somente um tipo de alimento, mas um mundo inteiro de saberes. Essa é a mensagem central desse post da [@ecouniversidade](#), que trata da relação entre a acelerada perda de variedades no planeta e o desaparecimento de modos de cultivar, culturas alimentares, práticas com a terra e memórias intergeracionais. Leia [aqui](#).

- Por falar nisso, o Matopiba, última fronteira agrícola do país, perdeu 142 mil hectares de arroz, 23 mil de feijão e 75 mil de mandioca para a soja, que já é presente em quase cinco milhões de hectares e representa 19% da produção do grão no país. O novo ocupante inconveniente, além de dilapidar os pilares da cultura alimentar brasileira, também acelera a perda de territórios por povos e comunidades tradicionais, o envenenamento de roças e o aumento de pragas pelo avanço do desmatamento e da monocultura. Saiba mais em [reportagem](#) de O Joio e o Trigo.

- O artigo [“Cosmopolítica”](#), do renomado antropólogo Eduardo Viveiros de Castro para o glossário da Teia dos Povos, traz uma reflexão profunda sobre os sentidos da palavra que intitula o texto. Nele, o autor defende que cosmopolítica é a negação ativa da ‘economia política’, uma vez que não se presta a soluções de tamanho único, e propõe três horizontes de debate vindos respectivamente dos zapatistas, e do pensamento de Krenak e Kopenawa.

- [Esta matéria](#) publicada no Mídia Ninja conta a experiência da Rede Agroecológica de Mulheres Agricultoras (RAMA) no município de Barra do Turvo, extremo sul do estado de São Paulo, onde 80 mulheres de 10 diferentes bairros e quilombos protagonizam experiências revolucionárias através de quintais produtivos, roças de coivara e Sistemas Agroflorestais (SAFs). A matéria é a primeira da série “Agroecologia, Território e Justiça Climática”, uma iniciativa da [@ana_agroecologia](#), [@agroecologia_em_rede](#), [@xepaativismo](#) e [climax.now](#).

- Preocupação ou enganação? No artigo de Bruno Luize e Marcos Silva para o Outras Palavras, os autores questionam o projeto, aprovado em março pela Câmara dos Deputados, que proíbe produtos vegetais de usarem termos como "leite de soja" ou "hambúrguer vegano". Os autores criticam a intenção de proteger o consumidor de “informação enganosa”, que justifica o projeto, e alertam para o risco de o mesmo contribuir para reforçar o estigma de "desvio" do veganismo. Leia a reflexão [aqui](#).

Mobilizações

- Depois de quase 24 anos de resistência, produção agroecológica, cultura e organização popular em plena cidade de São Paulo, a Comuna Irmã Alberta do MST, localizada na região noroeste da cidade, deu um novo passo na luta pela conquista definitiva do território. Em evento que reuniu uma ampla constelação de apoiadores, aliados e militantes, foi lançado em março o Comitê de Defesa da comuna, que nasce com a tarefa de ampliar a mobilização e reunir todas e todos que entendem que essa luta não é só do campo. Agora é hora de somar: defender a comuna é defender a reforma agrária popular, a comida de verdade e a aliança entre campo e cidade. Acompanhe e envolva-se nessa [luta pelas redes da comuna](#).

- Crise climática: uma crise de saúde pública! O Conselho Federal de Nutricionistas (CFN) acaba de lançar a nota técnica: “A Mudança do Clima na Alimentação e Nutrição”, um guia fundamental para orientar a categoria e a sociedade sobre como enfrentar o impacto de eventos extremos na insegurança alimentar e no alcance de sistemas alimentares saudáveis, justos e sustentáveis. Entre outros temas de destaque, a nota reforça a importância de circuitos locais de produção, da valorização da nossa sociobiodiversidade e do combate ao desperdício. Acesse a nota [aqui](#), leia, e compartilhe com suas redes!

Chamadas e editais

- Estão abertas as inscrições para o Fundo da Embaixada da Nova Zelândia, que apoia projetos comunitários de pequeno porte e curto prazo voltados ao bem-estar coletivo. As propostas podem abordar temas como sustentabilidade, mudanças climáticas, segurança alimentar, direitos humanos, igualdade de gênero, inclusão e apoio a comunidades indígenas. O prazo final para envio é 10 de abril de 2026. Saiba mais [aqui](#).

- A ampliação de um mapeamento de iniciativas relacionadas ao fornecimento de sementes e mudas nativas no Brasil é o convite feito pelo Laboratório de Educação e Política Ambiental da ESALQ/USP ([@oca_esalq](#)), em novo chamamento. A proposta é reunir experiências de viveiros, redes, associações, cooperativas e projetos que atuam nessa área. Se você faz parte desse público e deseja participar, acesse este [formulário](#).

- A plataforma Terra Batida lançou uma chamada para ensaios que irão compor uma publicação bilíngue (português/inglês) conectando arte, ciência e ecologia. Trabalhos que dialoguem com temas

como ecologia decolonial, racismo ambiental, práticas de cuidado e regeneração, entre outros, são bem vindos. Os resumos podem ser enviados até 8 de abril, e os ensaios selecionados recebem remuneração de 300 euros. Saiba mais [aqui](#).

- Estão abertas as submissões de trabalhos para o [VII Simpósio LAVITS 2026](#), que acontecerá nos dias 26, 27 e 28 de agosto, no Rio de Janeiro. O evento aceita diferentes formatos de participação, como trabalhos de pesquisa, sessões livres, oficinas e práticas artísticas. As inscrições são gratuitas e podem ser feitas até 5 de maio.

- O XI Congresso Latino-Americano de Agroecologia prorrogou o período de inscrições antecipadas, agora abertas de 20 de março a 20 de abril. A iniciativa busca ampliar a participação de pessoas pesquisadoras, estudantes e de movimentos sociais envolvidas com e/ou interessadas em agroecologia e biodiversidade. Acompanhe pela página no Instagram da [Sociedad Científica Latinoamericana de Agroecología](#)

- Está aberto o edital “Soluções Climáticas a Partir da Base”, do Fundo Brasil, que apoia iniciativas de justiça climática e defesa de territórios lideradas por movimentos sociais, povos indígenas, quilombolas, comunidades tradicionais e pessoas trabalhadoras do campo e da cidade. Os projetos selecionados podem receber entre R\$ 50 mil e R\$ 100 mil, e grupos sem CNPJ também podem participar. As inscrições vão até 8 de maio de 2026. Informe-se [aqui](#).

Podcasts e filmes

- No episódio [“Sucrilhos, para ficar fortinho e crescer”](#), de março, o podcast Prato Cheio mergulhou na história dos produtos gringos que tentaram substituir o cuscuz e o pão com manteiga no Brasil. Um história cheia de açúcar em excesso, publicidade infantil e muito lobby.

- O terceiro episódio do novo podcast Alimento é Direito, da FIAN Brasil, mergulhou no entendimento da alimentação como um bem comum, e sua relação com a perspectiva do direito humano à alimentação e à nutrição adequadas (Dhana). Os convidados abordaram temas como contracolonialidade, espiritualidade, e outras epistemologias alimentares. Acesse [aqui](#).

- O que fica da COP30 para 2026? Esta é a pergunta que o podcast Comida de Verdade busca responder em seu [novo episódio](#), dedicado aos legados e continuidades da Conferência do Clima no Brasil. Com participação especial de Marcele Oliveira, ativista, comunicadora e Jovem Campeã do Clima da COP30.

- O Movimento Sem Terra recomendou em sua página no Instagram cinco podcasts para entender a questão agrária no Brasil, desmistificar o agronegócio e refletir sobre os desafios e caminhos da produção de alimentos no Brasil. Saiba quais são eles [aqui](#).

- Já está no ar o mini documentário “Mulheres viram floresta quando se encontram”, disponível no canal de O Joio e o Trigo no YouTube. O filme acompanha a força de mulheres agricultoras no Vale do Ribeira (SP) que, articuladas pela RAMA, produzem abundância e diversidade de alimentos, articulam trabalho coletivo e autonomia, e cuidam do que ainda resta da Mata Atlântica. Assista [aqui](#).

Pesquisas, relatórios e mapeamentos

- O período de 2015 a 2025 foi o mais quente já registrado, com 2025 figurando como o segundo ou terceiro mais quente já registrado (cerca de 1,43 °C acima da média de 1850-1900). Este é o fio condutor do relatório [Estado do Clima Global 2025](#) (em inglês), publicado este mês pela Organização Meteorológica Mundial, que também constatou que o desequilíbrio energético da Terra está no nível mais alto em 65

anos, e que os oceanos têm absorvido quantidades enormes de calor - cerca de 18 vezes o consumo anual de energia humana.

- Nesse cenário alarmante, os oceanos seguem no centro da crise climática. Além do aquecimento, da acidificação e da poluição por plástico, um estudo recente da Universidade da Califórnia, publicado na revista Nature Geoscience, revela que esses ecossistemas também estão contaminados por produtos farmacêuticos, resíduos industriais e pesticidas, aprofundando ainda mais os impactos sobre a vida marinha e o equilíbrio do planeta. Entenda mais sobre o estudo [nesta matéria da Meteored](#).

- Enquanto a água segue um tema crítico, na alimentação (que, lembremos, depende existencialmente desse bem precioso), o cenário também não é animador. Pesquisa do WWF-Brasil, em parceria com a Global WRAP, Instituto Akatu e Market Analysis, mostra que o desperdício de alimentos – um velho conhecido do Brasil - segue sendo pouco priorizado: embora quase [60% da população declare preocupação com o tema, apenas 1% o considera um problema central](#).

- Na outra ponta, e paradoxalmente, encontramos uma insegurança alimentar presente e fortemente atravessada por classe, raça e gênero. Um estudo de autoria da economista Clara Mendonça Saliba, com base na POF (2017–2018), evidenciou que 50,5% dos lares chefiados por mulheres negras enfrentam insegurança alimentar, frente a 36,7% da média nacional. Leia mais [nest post](#) do Nós, mulheres da periferia.

- Nas cidades, essa desigualdade estrutural é marcada pelos chamados “ambientes obesogênicos”, espaços onde o acesso a alimentos saudáveis e à atividade física é limitado. Na análise do fenômeno, um estudo publicado no International Journal of Environmental Science and Technology observou que falhas no planejamento das cidades são [elementos chave na epidemia de sobrepeso](#) e obesidade crescente no mundo, sobretudo nas periferias.

- Como se isso não bastasse, os alimentos que chegam à população mais pobre também são contaminados, como mostram pesquisas do IDEC, em parceria com a Fiocruz e a Campanha Contra os Agrotóxicos, que denunciaram a [presença de glifosato em alimentos ultraprocessados](#) e questionam a base científica de sua liberação no país, além de alertar para outros agrotóxicos associados a riscos à saúde.

- Mais uma vez, assimetrias estruturais expõem desproporcionalmente corpos negros a alimentos que adoecem, ao mesmo tempo em que sustentam um mercado lucrativo, como reflete Monique Borges em uma coluna para o [@observabranquitude](#) publicada na revista Gama – leia [aqui](#).

- O cenário parece desolador, e é. Por outro lado, há movimentos e notícias positivas. O relatório [“Shaping Food Security Narratives: A Strategic Tool for Climate Action”](#), liderado pela RUAF CIC, aponta aquilo que o ativismo agroalimentar agroecológico já conhece bem: para além de questões de produção, logística e acesso, a alimentação é sobretudo um território dinâmico de disputa simbólica, onde linguagem, poder e cultura se entrelaçam de maneira decisiva. Sua análise requer, portanto, ampla diversidade de perspectivas. O documento reúne organizações de vários continentes e reforça uma práxis onde múltiplas vozes, centros geográficos e intelectuais, e experiências, se estreitam na construção de diagnósticos e soluções.

- Por fim, a diversidade também dá a tônica de um estudo inédito publicado na revista Scientific Reports, conduzido por uma rede nacional de pesquisadores com participação do Instituto Mamirauá, que compilou um inventário com 369 espécies alimentares nativas ou subutilizadas no Brasil. O levantamento inclui desde plantas como o baru e o camu-camu, até cogumelos silvestres, insetos como a tanajura, peixes de água doce e carne de caça consumida por populações ribeirinhas e indígenas. Riquezas culturais-alimentares que podem e devem estar mais presentes no prato da nossa população, dentro de

uma "agroeco-lógica", contribuindo para a segurança e soberania alimentares brasileiras. Leia mais sobre o trabalho [aqui](#).

Cursos, oficinas e vivências

- Clima e Sociobiodiversidade: formulando soluções de futuro - Mergulhe profundamente no universo da sociobiodiversidade e das soluções para mitigação e adaptação à crise climática, através do [novo curso](#) oferecido pelo O Joio e o Trigo em parceria com o ISA. O clima como conhecemos está mudando. Será que temos saída? Ele responde a essa pergunta dando um passo para trás para entender como chegamos até aqui. E então, dá dois passos à frente, mostrando que as economias de sociobiodiversidade apontam para outro modelo de organização da sociedade possível. É gratuito e online!

- A UNILA, em parceria com o PRONERA e movimentos sociais, está com inscrições abertas para cursos voltados à formação de pessoas educadoras da reforma agrária, com vistas a fortalecer a educação popular e a organização no campo. As especializações abordam desde cultura latino-americana até a questão agrária, e a luta por justiça social e direitos. Inscreva-se pelo sistema da UNILA até as datas indicadas nos editais. Saiba mais [aqui](#).

- Conheça mais sobre o PAA com as cozinhas populares! Acontece no dia 15 de abril, na Casa Luiz Gama (Campos Elíseos – SP), uma formação sobre o PAA (Programa de Aquisição de Alimentos) voltada a todo mundo que constrói ou se interessa pelas cozinhas solidárias. Com presença da nutricionista e pesquisadora da USP Cristiana Maymone, será um encontro para entender melhor como acessar o programa e trocar experiências. Inscreva-se [aqui](#).

- Em parceria com a Escola da Cidade e patrocínio do Instituto Clima e Sociedade, o Instituto de Arquitetos do Brasil (IABsp) promove a partir de abril um curso voltado exclusivamente a gestores urbanos que trabalham com projetos e planos de adaptação climática. A formação oferecerá suporte técnico, conceitual e metodológico para mapeamento de indicadores e desenvolvimento de estudos de caso relacionados aos contextos profissionais dos participantes. Saiba mais [aqui](#).

- Já ouviu falar de metodologias ferais? O curso "Metodologias Ferais: investigar com bichos no Antropoceno", oferecido pela Associação de Pesquisas e Práticas em Humanidades (APPH), parte de um olhar crítico sobre o Antropoceno para propor abordagens contemporâneas que amarrem interações entre humanos, bichos, infraestruturas e ambientes, trazendo inovações conceituais, analíticas e metodológicas para práticas de investigação. Detalhes e como se inscrever [aqui](#).

Eventos e encontros

- Já possível se inscrever no 9º HortPANC, que acontece em Florianópolis de 26 a 28 de maio, reunindo pesquisadores, agricultores, estudantes e entusiastas das PANC – Plantas Alimentícias Não Convencionais (ou "não colonizadas", como define Bruna Criola). A programação inclui palestras, mostras de trabalhos, atividades de campo, e uma feira para trocas e fortalecimento da agrobiodiversidade. Inscrições [aqui](#).

- Participe do seminário '[Territórios de Resistência](#)' que lançará os quatro curta-documentários da série 'Cultura e Alimentação: Saberes da Resistência'. Com depoimentos de mulheres que lideram a busca por direitos em seus territórios, os filmes retratam quatro experiências de luta por soberania alimentar na cidade de São Paulo. Dia 14 de abril, às 18 horas, na Ação Educativa, com entrada gratuita.

- Vem aí o 34º Encontro da Rede Permaperifa. Será dia 26 de abril, na Horta da Jô (São Miguel Paulista, São Paulo), como muita troca, partilha e celebração. Siga [@permaperifa](#) para mais informações.

Livros

- Uma boa leitura para quem se interessa por comida e ativismo: o livro “Ativismos Alimentares e Politização da Alimentação”, que pode ser baixado gratuitamente [aqui](#). A publicação reúne reflexões sobre práticas alimentares como forma de ação política e transformação social.

- Também disponível para download gratuito está o eBook “Kit Educativo de Arqueobotânica”, do MAE-USP. A publicação apresenta, de forma acessível, as relações entre pessoas e plantas ao longo da história, sendo um ótimo recurso para atividades educativas e para quem se interessa por arqueologia, história, ciência e cultura alimentar. Baixe a publi [aqui](#).

- A editora Elefante lança *Ajeum mi’u*, de Inara Nascimento e Rute Costa, uma obra que percorre saberes e modos de viver indígenas e afro-brasileiros a partir da alimentação. O livro propõe reflexões sobre o corpo, o espírito, o encontro, a partilha, o cuidado e a ancestralidade a partir de ensinamentos de mestras e mestres da roça e do terreiro. Conheça a obra [aqui](#).

- Em “As guerras do lixo” (informações [aqui](#)), Alexander Clapp investiga os caminhos globais dos resíduos e os impactos ambientais e políticos desse mercado pouco visível. Para entender como o descarte se conecta a desigualdades e danos ambientais em escala mundial (e neocolonial).

- E se as plantas virassem o modelo para nossas cidades? Em “Fitópolis”, o mais novo livro do neurobiólogo e botânico Stefano Mancuso, somos convidados a imaginar cidades inspiradas na lógica das plantas. A obra apresenta caminhos para repensar o urbanismo a partir de princípios como resiliência, adaptação e interdependência, propondo uma relação mais integrada entre humanos e natureza. Confira [no site da editora Ubu](#).

Políticas, projetos e programas

- Organizações da sociedade civil identificaram ao menos 70 projetos em tramitação no Congresso que representam retrocessos ambientais, incluindo ataques ao licenciamento, às terras indígenas e à proteção de áreas naturais. Os projetos do já conhecido “Pacote da Destruição” estão em diferentes estágios de um encaminhamento que deve se acelerar este ano por conta do calendário eleitoral. Seis propostas já foram aprovadas e cinco atingiram avançada estágio de tramitação no legislativo. Saiba mais [nesta matéria de O Eco](#).

- Neste cenário, outro projeto de lei que está com tramitação urgente na Câmara dos Deputados é o PL 2.564/2025, que altera a Lei de Crimes Ambientais. Se for aprovado, ele pode colocar em risco cerca de 70% de todas as ações que o Ibama faz atualmente na Amazônia, ao dificultar embargos contra desmatamento e garimpo ilegal, comprometendo todo o sistema de fiscalização ambiental no país. Entenda o que está em jogo com o PL [nesta reportagem](#) de A Pública assinada por Giovana Girardi e Maria Escardovelli.

- Enquanto isso, o Ministério do Meio Ambiente (MMA) acaba de oficializar o Plano Nacional de Arborização Urbana (PlaNAU), com metas para ampliar áreas verdes e combater ilhas de calor, enchentes e o desigualdades socioambientais nas cidades. A ideia é sair da lógica de arborização como estética e para uma de estratégia de saúde pública e justiça climática. É preciso, entretanto, pressionar para que a periferia, que é quem mais sofre com as ondas de calor e as enchentes mortais, seja prioridade. Esse [vídeo](#) do portal [@florestal_brasil](#) explica a questão e como podemos nos envolver.

- Por fim, outras boa notícia vem de Bacabal, no Maranhão, e pode abrir um precedente para todo o país na luta contra a guerra “agro-química” e pela agroecologia. A câmara municipal da cidade aprovou por esmagadora maioria um projeto de lei que proíbe definitivamente a pulverização de agrotóxicos por aviões e drones no município. A conquista é fruto de muita resistência popular, sobretudo de famílias

camponesas e, em especial, da de Joacy, Lecy e Ariele, que tiveram toda a sua roça devastada por um drone lançador de veneno, e, com coragem, transformaram destruição em luta. Inspire-se por essa vitória [neste post](#) da [@rama_maranhao](#)

Cuidado: Veneno!

Quem ganha com a avalanche de agrotóxicos no Brasil?

Por [Marcos Pełowski](#)

Em 2025, o Brasil atingiu um marco que deveria causar mais preocupação do que celebração: foram aprovados 912 registros de agrotóxicos, o maior número da série histórica. Desse total, apenas 162 correspondem a produtos biológicos — uma fração ainda tímida diante do volume esmagador de substâncias químicas liberadas. Os dados, organizados pela consultoria AllierBrasil com base em publicações oficiais do Ministério da Agricultura e Pecuária no Diário Oficial da União, revelam mais do que uma tendência: apontam para a consolidação de um modelo agrícola profundamente dependente de insumos potencialmente nocivos.

Para pesquisadores e especialistas na área, a lista não é apenas um levantamento técnico. O fasto é que entre os produtos liberados estão substâncias que já foram banidas na União Europeia em razão de sua elevada toxicidade, tanto para o ambiente quanto para a saúde humana. Ou seja, o Brasil segue abrindo suas portas para compostos que outros países consideraram perigosos demais para uso em seus próprios territórios, apesar de fabricá-los.

Essa escolha tem implicações diretas e profundas. No plano ambiental, o uso intensivo de agrotóxicos está associado à contaminação de solos e recursos hídricos, à perda de biodiversidade e ao desequilíbrio de ecossistemas inteiros. Polinizadores essenciais, como abelhas, são particularmente vulneráveis a essas substâncias, o que compromete não apenas a produção agrícola, mas a própria resiliência dos sistemas naturais que a sustentam.

No campo da saúde pública, os impactos são igualmente preocupantes. A exposição contínua a determinados agrotóxicos tem sido relacionada a uma série de doenças crônicas, incluindo distúrbios hormonais, problemas neurológicos e diferentes tipos de câncer. Trabalhadores rurais e populações que vivem próximas a áreas de pulverização são os mais afetados, mas os riscos não se limitam a eles: resíduos químicos nos alimentos fazem com que toda a população esteja, em maior ou menor grau, exposta.

Do ponto de vista da sustentabilidade, o cenário é ainda mais contraditório. A dependência crescente de insumos químicos tende a criar um ciclo vicioso: organismos considerados como pragas agrícolas desenvolvem resistência, exigindo doses maiores ou novos produtos, o que aumenta custos, impactos ambientais e riscos à saúde. Ao mesmo tempo, alternativas mais sustentáveis — como a agroecologia e o uso de bioinsumos — seguem ocupando um espaço marginal, apesar de seu potencial comprovado.

É nesse contexto que o recorde de liberações em 2025 lança uma sombra sobre o discurso oficial. Promessas de incentivo à agroecologia e de redução do uso de agrotóxicos perdem força diante de números que apontam na direção oposta. A política agrícola parece, na prática, reforçar um modelo que privilegia ganhos imediatos de produtividade, mesmo à custa de impactos altamente desastrosos em longo prazo.

Mais do que uma questão técnica ou econômica, o avanço dos agrotóxicos no Brasil é um debate sobre escolhas. Escolhas que dizem respeito ao tipo de agricultura que o país deseja promover, ao nível de proteção ambiental que está disposto a garantir e, sobretudo, à qualidade de vida das gerações presentes e futuras. O recorde de 2025 será lembrado como um ponto de inflexão — ou como mais um passo em uma trajetória que insiste em ignorar seus próprios erros e custos.

Quem desejar baixar o arquivo com a lista completa dos 912 agrotóxicos liberados pelo governo Lula em 2025, basta clicar [\[Aqui!\]](#).